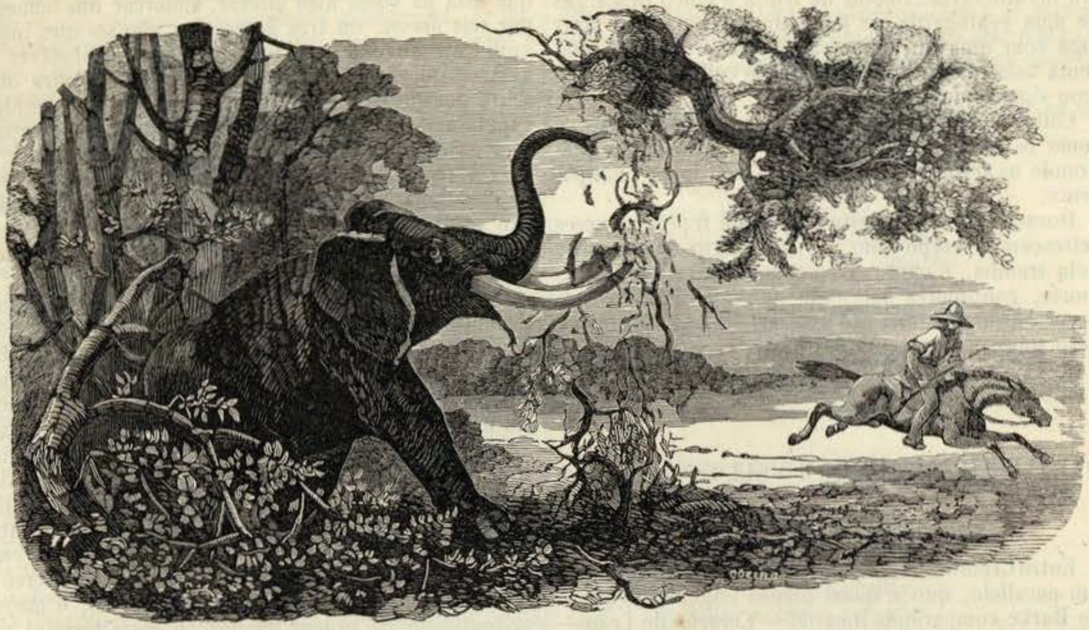


Caçada de um elephante por Cumming. — Gravura de Coelho Junior.

Esta gravura representa a caça de um elephante pelo intrepido viajante R. Gordon Cumming, de que démos uma breve noticia biographica n'um dos numeros d'este jornal. São scenas dos tempos primitivos da civilisação, e que de certo pertencem a essas regiões da Africa, aonde se ostentam as magnificencias da natureza primitiva, e que parecem repellir, pela insalubridade do clima, as tentativas coloniaes dos europeus.

No dia 27, depois de termos almoçado, diz Cumming, parti em companhia de alguns indigenas, em busca dos elephantes na direcção do sul. Seguimos pelo leito de um rio periodico, ([1]) aonde encontrámos bastantes excavações feitas pelos elephantes para descobrirem agua. Os vestigios deixados pelos rhinocerontes eram tambem muito numerosos, e em todas as covas aonde haviam bebido, estavam ainda perfeitamente impressas as fórmas de seus esgalhos. Encontrámos brevemente rasto de um elephante velho e macho, que seguimos até entrarmos n'uma espessa floresta. N'este sitio o terreno não nos favorecia, mas conseguimos seguil-o até se confundir com o rasto de varios outros. Os indigenas então pediram-me que me demorasse em quanto alguns d'elles iam em differentes direcções para examinarem o terreno.

Ao mesmo tempo uma conflagração tremenda queimára tudo a alguma distancia de nós. Era obra dos bakalahazi, que costumam deitar fogo á herva sêcca e velha, para que a nova rebente com maior força, a fim de conservarem a caça nos seus dominios. O incendio cobria um espaço de muitas milhas, escurecendo a floresta com uma densa e impenetravel nuvem de fumo. Aqui esperámos meia hora, quando um dos homens que voltava, me disse que tinha descoberto os elephantes. Não lhe dei muito credito, porque suppunha que o incendio teria afugentado, não sómente os elephantes, como todo o ente vivo d'aquelles arredores. Elle respondeu-me apontando para os olhos, repetindo a palavra *Kloco*, e fazendo signal que o seguisse. Andámos cousa de uma milha pela floresta, quando chegámos a uma pequena elevação coberta de matto, á qual subimos. D'aqui teria obtido uma vista extensa da floresta, se o fumo, que cobria tudo, o não tivesse impedido. O meu conductor apontou com o dedo para a matta que ficava aos meus pés, e com admiração percebi os hombros colossaes de um rebanho de elephantes, que pastavam em socego no fim da montanha.

Disse então a Johannus que tomasse um elephante á sua conta, promettendo recompensal-o, se fosse bem succedido; e descendo a encosta a todo o galope, gritando medonhamente, consegui espalhar os elephantes. Escolhi d'entre elles o melhor, e collocando-me a par d'elle, descarreguei-lhe os dois canos na junta do hombro. Voltou-se instantaneamente contra mim, e na sua carreira impetuosa atacou de frente, com toda a força, uma arvore grande e forte, que atirou pelos ares até grande distancia, caindo ao mesmo tempo de joelhos. Erguendo-se continuou na mesma direcção até dar de face com o incendio, e mudou logo de rumo tomando para a direita. Em quanto o seguia, percebi outro elephante que se dirigia para nós na direcção contraria, seguido por Johannus, que se conservava a uma distancia respeitosa. Voltei-me para est'outro elephante, e fazendo-lhe pontaria á junta do hombro, metti-lhe duas balas; com isto separou-se de mim, gritei para Johannus que o seguisse e que o acabasse; mas não tardou muitos instantes que este valente Nemrod não apparecesse outra vez, tendo dado só um tiro, e perdido a presa.

No entanto, eu carregava de novo sobre o meu elephante, e fazia fogo com a rapidez que podia, apontando-lhe ora á cabeça, ora ás juntas dos hombros; já os quartos fronteiros estavam cobertos de sangue, e elle continuava sempre na mesma direcção, deixando as serras e o matto, por onde passava, ensanguentados.

([1]) Chamam-se na Africa rios periodicos aos que só na estação das chuvas tem corrente, ficando completamente vasios no verão.

Uma vez tentou escapar-me, lançando-se com desesperação entre as chammas; mas de nada lhe serviu, e ainda consegui alcançal-o. Fiz fogo sobre este elephante, tanto tempo, que comecei a suppor que era invulneravel. Depois de trinta e cinco descargas de uma espingarda de dois canos, comecei a fazer fogo com uma de maior calibre, e só quando quarenta balas d'esta lhe entraram no corpo, é que mostrou signaes de abatimento.

Collocou-se então entre um grupo de arvores, e como os cães lhe ladraram em volta, recuára quebrando as arvores, que cediam á sua força omnipotente.

Durante a corrida, este elephante repetidas vezes refrescára o corpo com jorros de agua que emittia pela tromba, e agora, tremendo com as agonias da morte, continuava lançando agua para dentro da bocca ensanguentada até expirar, caindo com todo o peso sobre a terra.

PARALLELO ENTRE CROMWELL E NAPOLEÃO,

POR MACAULAY.

Entre Cromwell e Napoleão, M. Hallam estabelece um parallelo, que é quasi menos engenhoso que o de Burke comparando Ricardo — Coração de Leão — a Carlos XII da Suecia. N'este parallelo, todavia, e tambem em toda a sua obra, julgâmos que elle apenas concede a Cromwell a posição que lhe pertence. «Cromwell, diz elle, pouco similhante ao seu prototypo, nunca demonstrou talentos de legislador, ou teve o minimo desejo de firmar a sua reputação na mais nobre base: o melhoramento das instituições sociaes.»

A differença, n'este caso, não dimana do caracter dos homens, mas da natureza das revoluções, que os elevaram ao poder. A guerra civil em Inglaterra fôra emprehendida para defender e restaurar: os republicanos de França insurgiram-se para destruir. Em Inglaterra, os principios da lei commum nunca haviam sido offendidos, e a maior parte das suas fórmas tinham sido respeitadas com veneração.

Em França, a lei e os seus ministros foram derribados pelo mesmo violento esforço. Em França, além d'isso, a legislação tornára-se a missão necessaria do primeiro governo estavel que se fundasse sobre as ruinas do velho regimen.

Os admiradores de Inigo Jones sempre affirmaram que se as suas obras são inferiores ás obras de sir Christophen Wren, é só porque o grande fogo de Londres dera a Wren um campo por extremo vasto para desenvolver os seus talentos artisticos, como a nenhum outro architecto acontecêra no mundo.

Esta observação póde applicar-se a Cromwell. Se elle teve de fundar poucas cousas realmente novas, é porque não houve tão completa conflagração que o habilitasse a poder entrar no caminho das innovações. Apesar de tudo, reformou o systema representativo de uma maneira mais judiciosa. Tornou uniforme a administração da justiça em toda a ilha. Apresentaremos um trecho do seu discurso no parlamento, em setembro de 1656, que contém, segundo nos parece, apesar da aspereza e simplicidade da sua dicção, notaveis indicações de uma intelligencia propria para as concepções legislativas, como se não encontra em qualquer ordem de orações parlamentares, proferidas, em identicas circunstancias, antes e depois d'elle.

«Ha um mal geral na nação. É a lei. Eu creio que posso affirmar que possuo tão eminentes juizes n'esta terra, como a nação não tem tido ha muitos annos. Eu poderia alargar-me sobre a parte executiva da administração; porém não quero abusar do vosso tempo. Mas a verdade é que existem leis detestaveis, que está na vossa mão alterar. Enforcar um homem por seis *pences*, ou tres *pences*, ou não sei que insignificante quantia, por uma bagatella, e absolver o assassinato, está na indole da lei pela maneira obscura porque está formulada. Tenho visto na minha experiencia horrorosos crimes de assassinio escaparem á acção da lei, e tenho visto homens perder a vida por objectos de pouco vulto! Isto é uma cousa de que Deus ha de pedir conta: é o meu desejo que isto não pese sobre a nação nem mais um dia, uma vez que tendes occasião de o remediar: e espero poder com jubilo unir-me a vós n'esta generosa missão!»

M. Hallam diz-nos, «que é impossivel comparar Cromwell com Napoleão, como general, que comtudo, os seus feitos foram superiores aos dos seus contemporaneos, e resultado de uma capacidade original e inculta.» Bonaparte fôra educado nas melhores escholas militares: o exercito que elle levou para a Italia era um dos melhores que nunca existiram. Cromwell passára a sua juventude, e a melhor parte da flor da sua virilidade, n'uma situação puramente civil. Nunca vira a guerra senão quando tinha quarenta annos. Teve primeiro de se educar a si, antes de ensinar as suas tropas. Com recrutas bisonhas creou um exercito, o mais valente e disciplinado, o maior sustentaculo da ordem na paz, o mais terrivel na guerra, que nunca se encontrára na Europa. Deu vida a este corpo. Levou-o ás conquistas. Nunca deu batalha sem alcançar victoria. Nunca ganhou batalha sem anniquilar as forças inimigas. Comtudo essas victorias não são o mais sublime documento do seu systema militar.

O respeito que as suas tropas prestavam á propriedade, a sua affeição ás leis e á religião do seu paiz, a submissão que professavam ao poder civil, a moderação, intelligencia e industria, de que eram dotadas, não se podem exceder. Foi depois da restauração que o espirito que o seu grande chefe lhe havia inspirado mais significativamente, se revelou. Á voz do governo estabelecido, governo estabelecido que não tinha meios para impôr a sua vontade, cincoenta mil soldados, que nunca haviam dado as costas ao inimigo, ou fosse na guerra civil ou na guerra estrangeira, depozeram as armas, e retiraram-se para o seio do povo, sendo d'alli em diante unicamente notados pela sua superior actividade, temperança, e pontualidade nos trabalhos da paz, distinguindo-se por estas virtudes dos membros da nação que elles tinham salvado.

No caracter e espirito da sua administração, nós suppomos Cromwell muito superior a Napoleão. «No governo civil, diz M. Hallam, não póde haver parallelo entre um homem que tinha consubstanciado em si todos os sedimentos de um ignaro fanatismo, e aquelle que se apropriára de todos os subsidios da razão, e da philosophia.» Estas expressões, a nosso ver, servem para exaltar o nosso compatriota. A razão e a philosophia não poderam moderar no conquistador da Europa as suas paixões, nem o levaram a accêitar, como principal objecto dos seus cuidados, a felicidade do seu povo. Essas generosas idéas não o impediram de arriscar a sua gloria e o seu poder em lucta desenfreada com os principios da natureza humana e as leis do mundo; contra o furor do inverno, e a liberdade do mar. Não o poderam salvar da influencia da mais perniciosa das superstições, a crença n'um fatalismo repassado de vangloria. Não o tornaram superior á vertigem inebriante da prosperidade, nem o poderam comedir nos seus lamentosos queixumes nos seus dias de desventura.

O fanatismo de Cromwell nunca o levou a commettimentos impraticaveis, nem obscureceu no seu espirito a noção do bem publico. O nosso compatriota, inferior a Buonaparte no talento inventivo, era-lhe muito superior em prudente moderação. O imperador francez tornára-se entre os conquistadores o que Voltaire fôra entre os homens de letras, uma criança prodigiosa. O seu genio assombroso era frequentemente offuscado por caprichos de caracter tão absurdos, como os que levam o menino querido de casa a rejeitar o que lhe dão a comer, e a quebrar com despeito os seus bonitos.

Cromwell era essencialmente um homem. Possuia, em grão eminente, aquella viril e bem equilibrada robustez de entendimento, que distribue com egualdade a saude intellectual, e que, se a nossa parcialidade nacional nos não illude, sempre tem especialmente distinguido os grandes homens de Inglaterra. Nunca houve dictador tão eminentemente nascido para a soberania. A taça que embriaga quasi todos os outros tornou-o mais sobrio. O seu espirito, que se agitava inquieto n'uma esphera inferior, repousou em magestosa tranquillidade, apenas alcançára o seu verdadeiro nivel. Nada tinha de commum com essa classe de individuos, que tornando-se distinctos em posições subalternas, mostram a sua incapacidade apenas a voz publica os eleva aos primeiros logares. Se a sua fortuna cresceu rapidamente, o seu entendimento ainda mais rapidamente se desenvolveu. Insignificante, como cidadão privado, foi um grande general, e um principe ainda maior. Napoleão adoptára maneiras theatraes, em que a grosseria do quartel revolucionario se misturava com o ceremonial da velha corte de Versailles. Cromwell, pela propria confissão dos seus inimigos, denunciava no seu porte a singeleza e natural nobreza de um homem que nem se envergonhava da sua origem, nem se ensoberbecia da sua elevação, de um homem que alcançára o seu legitimo logar na sociedade, e que tinha consciencia de que era competente para o desempenhar. Facil, até á familiaridade, em relação ao decoro da sua pessoa, tornava-se excessivamente melindroso quando se tratava do seu paiz.

(Continúa).

LOPES DE MENDONÇA.

ANTIGUIDADES DE HISTORIA PORTUGUEZA.

CASA DOS VINTE E QUATRO.

José Soares e Silva, nas *Memorias de El-rei D. João* 1.º (Tomo 1.º, livro 1.º, cap. 33) diz o seguinte: «Dispoz tambem que na camera de Lisboa houvesse vinte e quatro homens, dois de cada officio, destinados para o bom governo da cidade, de que procedeu chamar-se ainda hoje esta Junta a Casa dos Vinte e Quatro. Este privilegio foi tirado á cidade pela lei de 22 de Maio de 1506, em castigo dos tumultos contra os christãos novos, acontecidos em 19 de abril do mesmo anno.»

Eis os termos de que se serviu el-rei na sentença que vem por extenso na *Chronica de el-rei D. Manoel* por Damião de Goes (Parte 1.ª, cap. 103): «Outro si determinamos e havemos por bem (visto o que dito he) que da publicação desta em diante não aja mais na dita cidade eleição dos vinte quatro dos mesteres, nem isso mesmo os quatro procuradores delles, que na camera da dita cidade sohiam destar pera entenderem no regimento e segurança della, com os vereadores da dita cidade, e os nam aja mais, nem esteem na dita camera, sem embargo de quaesquer privilegios, ou sentenças que tenhão pera o poderem fazer, e bem assim polas cousas sobreditas, devassâmos emquanto nossa mercê for o povo da dita cidade para aposentarem com elles, como se faz geralmente em todos los lugares de nossos regnos, ficando porem a renda da imposição pera se arrecadar, como até agora se faz, por officiaes que nós para isso ordenâmos, para fazer-m'os della o que houvermos por bem, e nosso serviço.»

Garcia de Resende na sua *Miscellanea* não se esqueceu de commemorar este facto:

Vi que em Lisboa se alçarão
povo baixo e villãos
contra os novos Christãos
mais de quatro mil matarão
dos que ouveram ás mãos:
huns delles vivos queimarão
meninos espedaçarão
fizerão grandes cruesas
grandes roubos e vilesas
em todos quantos acharão.

Estando só ha Cidade
por morrerem muitos nella
se fez esta crueldade:
mas el Rei mandou sobre ella
com muy grande brevidade,
muitos foram justiçados,
quantos acharão culpados,
homens baixos e bragantes
e dous frades observantes
vimos por isso queimados.

ElRei teve tanto ha mal
ha Cidade tal fazer
que ho titulo natural
de noble e sempre leal
lhe tirou e fez perder:
muitos homens castigou
e officios tirou:
depois que Lisboa vio
tudo lhe restituio
e o titulo lhe tornou.

LUCTO.

Até ao tempo de el-rei D. Manoel se usava de lucto de burel; porém este rei prohibiu-o por uma ordenação de 17 de outubro de 1499, publicada em Beja a 18 do mesmo mez e anno. D'esta ordenação, e do uso do burel faz menção Ruy de Pina na *Chronica d'El-rei D. Duarte,* cap. II, onde diz: «E leyxou as vestiduras Reais e tomou doo de preto, e hos Iffantes tomaram burel, segundo sempre até aqui se costumava: porque despois, em tempo dElRei D. Manoel, por cujo mandado esta chronica se compoz, geralmente determinou e mandou, que por nenhum Rei, nem Principe, nem por outra alguma pessoa se não trouxesse em seus reynos burel, sob certa pena, e assy se cumprio.»

A SÁIA ENTUFADA NO OMNIBUS.

Antes de tudo, duas palavras ácerca do titulo.

Este titulo lembrou-nos á ultima hora, ou antes fizeram-nos lembrar á ultima hora.

Estavamos para pôr:

O merinac no omnibus.

Era mais breve, mais cadente, sonico, e, na primeira hora, pareceu-nos mais generico tambem.

Mas puzemo-nos a reflectir, dizemos, fizeram-nos reflectir; não dizemos ainda bem, fizeram-nos embaraçar, porque, n'este caso, para nós a reflexão é um perfeito embaraço, o peior, o mais difficil talvez, o mais insoluvel dos embaraços.

Carecemos de justificar o emprego d'estas palavras: « n'este caso. »

É que *n'este caso*, quer dizer no caso em que íamos escrever — *o merinac no omnibus* — appareceram-nos a protestar energicamente o arco de pipa, a crinoline, a pita, a barba de balêa, o junco, o arame e o cabo alcatroado contra o exclusivismo do titulo, que não havia remedio senão corrigir sob pena de não nos deixarem andar para diante.

E esta! dissemos comnosco.

Eis-aqui como de um innocente esquecimento nasce, ás vezes, uma grande revolução.

Tudo aquillo tem razão para protestar, porque tudo entra pelo mesmo preço no omnibus, com grande assombro, por signal, e especial terror dos viajantes masculinos, que não sabem apreciar os beneficios de que gozam em contacto com aquellas sáias,



e por um processo deleitoso que o estupido porteiro tem a semsaboria de converter em penoso para si.

Mas como corrigir o titulo?

Tinhamo-nos imaginado n'um caminho de rosas, e achâmo-nos n'uma tortuosa estrada d'espinhos.

Se o nosso fim fosse descrever os effeitos pelos meios, estava o problema resolvido; punhamos: — *O arco de pipa, de balêa, a crinoline, a pita, o arame e o cabo alcatroado no omnibus*; — mas o que nós pretendemos é desenhar os effeitos pela fórma, e ahi estão as difficuldades em que todos aquelles protestos nos vieram collocar, porque a fórma depende dos meios em que não queriamos, ou nos parecia desnecessario tocar.

Devemos pôr *sáia-balão?*

Pelo amor de Deus! foi cousa que nunca vimos.

Agora tudo principia a julgar-nos com os olhos fechados.

Escutem, porém.

O que nós temos visto é:

A *sáia-zimborio*, dada pelo merinac, pela pita, e pelo arco de balêa;

A *sáia-mitra-papal*, dada pelo arame e pelo junco;

A *sáia-basilica*, ou *d'anjinho de procissão*, dadas pelo arco de pipa, e pelo cabo alcatroado;

A *sáia-papelão*, ou *sáia marcial*, que tange como folha de Flandres ás costas de gallego, e se prepara mettendo-a n'um alguidar de gomma, e pondo-a depois ao sol.

Ora, agora, diga-nos o leitor que nome generico havemos de arranjar que abrace, e por elle se entenda tudo isto.

Pensámos duas horas para arranjar, finalmente, o titulo, que precede este verdadeiro apontoado.

Depois de tanto, julgámos dever pôr um ponto final a esta questão, e passar adiante.

A primeira cousa que nos veiu a lume do pensamento, foi as cobras e lagartos que se tem dito das sáias entufadas.

Cobras e lagartos é uma phrase consagrada pelo uso.

A gente lembra-se ás vezes mais d'aquillo com que embirra, do que d'aquillo com que muito engraça.

É uma das excentricas propriedades da humanidade.

Nós, pela nossa parte, não temos a dizer senão flores, se flores é o contraposto das cobras e lagartos, porque esse é o nosso sentido.

Tem-se dito: as sáias-balão são a tyrannia dos homens.

Porque?

Porque os afastam, porque os não deixam, n'uma conversação, aspirar o ar vibrado pelos labios de uma meiga nympha que o delirio da sua paixão collocou na pleiade das divindades; porque lhes não permittem, n'um omnibus, por exemplo, certos contactos, que sabemos nós?

Aqui está uma outra cousa que é necessario corrigir.

E vamos a isso que é para não esquecer.

Por ser exacta e profundamente o contrario, isto é, com medo dos contactos, imaginou e foi logo pondo em pratica aquelle patusco o engenhoso modo de entrar no omnibus que estamos admirando.

« Com licença, meus senhores e senhoras, váe elle dizendo, isto é para não os incommodar e não aggravar uma tremenda esfoladella que ha poucos dias um arco de pipa, creio que era dos de ferro, me fez na canela direita. »

Em presença d'isto, póde-se dizer com justa ironia: Eis-alli como se escreve a historia!

A sáia entufada, longe de afastar, persegue até quem se afasta d'ella, e muitas vezes não ha meio de lhe escapar.



Na rua envolve-nos n'uma nuvem de poeira.

Nos bailes, nem os que, não tomando senão da sua caixa, vão para os cantos das janellas, se livram de tomar das pitadas que as sáias entufadas offerecem ás canelas no redemoinhar febril de uma walsa.

No omnibus, ou n'uma locomotiva, todo o comprimento e elasticidade do pescoço é pouco, ás vezes, para ao menos conservar a cabeça fóra do diluvio de estofos e arcos de todos os diametros e consistencias que alli inundam o já de si acanhado espaço.

Ora, outro tanto não acontece ás sáias esguias.

Era necessario muita confiança e conjunctamente muito retiro, para podermos sentar-nos perto de uma dama, e tocarmos-lhe com os joelhos.

Hoje não lhe tocâmos só com os joelhos, mas com o corpo todo, como acontece no omnibus, por exemplo, onde ninguem deita a cabeça de fóra senão quem é tolo e pouco sensivel.

Um homem sensivel, apaixonado e poeta, envolvido dos pés á cabeça em ondas de sáias, sabe transportar-se a um paraiso de delicias...

Póde até compor alli um drama amoroso.

Realmente, para uma cabeça imaginosa, o roçar de uma sáia origina um milhão de idéas e dois de sensações.

Está dito.

Não andemos para diante, que já estamos um pouco incommodados.

Concluimos dizendo, que a tyrannia dos homens era a sáia esguia.

D. FUAS ROUPINHO.

IDA PFEIFFER.

(Conclusão).

No dia seguinte fomos n'um barco ao *Ilheu*, pequena ilha distante apenas duzentos ou trezentos passos da praia; ou uma como fechada bahia por uma cinta de rochedos, onde se praticou uma pequena abertura, com largura apenas para dar entrada a um barco de carregação. Tudo prova que devia outr'ora haver no proprio mar um pequeno volcão, que cessára de vomitar fogo, e desapparecêra de todo. Com pouca despeza podia fazer-se d'esta bahia, em minia-

tura, pequena doca para concerto de navios; mas n'esta terra não ha idéa de taes cousas.

Pelo meio dia continuámos o caminho em burro, e n'estas ligeiras cavalgaduras chegámos ás Furnas muito cedo, ainda na mesma tarde. Em distancia de um quarto de milha do logar, ha um lindo lago, cercado de montanhas de bella fórma. Na extremidade nordeste d'este lago ha tambem fontes quentes. Não as fomos ver, porque de repente nos sobreveiu um chuvisco.

As Furnas estão situadas n'um valle risonho e delicioso, rodeado de montanhas que se levantam umas sobre outras: bosques sombrios, campos magnificos, prados e campinas, cobertos da mais fresca verdura, vestem as montanhas, as collinas, e os valles. Via-me transportada a um d'esses bellos valles montuosos, em que abundam a Styria, a Carinthia, e o Tyrol. Nuvens de fumo, que sobem aos ares, annunciam as fontes thermaes (*caldeiras*) não mui distantes da aldeia. O estrangeiro curioso corre a ellas, para ver um phenomeno de que toda a população de S. Miguel falla com transporte, e ao mesmo tempo com horror.

Confesso que a minha curiosidade e a minha esperança não eram mui grandes: tinha visto na Islandia tudo o que o mundo conhecido offerece de mais notavel n'este genero. Como não esperára grande cousa, fiquei realmente espantada. Uma das fontes, ferventes, repuxa com muita força e abundancia a uma altura de metro e meio ou dois metros. Outra fonte sobe menos: outras não produzem mais effeito que agua quente ordinaria. A mais notavel de todas é a fonte barrenta, chamada de *Pedro Botelho*. As suas immediações são pittorescas. Limitada por sombrios rochedos, pelos quaes a bulha que faz o referver da fonte repercute com estrondo, parece um verdadeiro golphão infernal. Um grande rochedo se extende muito por cima d'ella, e lhe obsta a que suba em linha recta. A sua força é tamanha, que expelle o polme barrento para todos os lados, até uma distancia de tres a cinco metros. Ha ainda muitas outras pequenas e insignificantes nascentes nas immediações; algumas fervem mesmo no meio d'um pequeno regato.

Tambem ha alli nascentes ferruginosas, e uma fonte d'agua mineral (*agua azeda*).

No valle, e na mais feliz posição d'elle, o sr. visconde da Praia, um dos mais ricos proprietarios da ilha, construiu uma casa de campo, e plantou um jardim: nem um nem outra estavam ainda acabados.

A casa, assente gentilmente sobre uma pequena collina, offerece de cada janella as mais bellas vistas sobre o valle e montanhas que o cercam. Quanto ao jardim, traçado em grande, com lagos, grupos d'arvores sombrias, e lindos massiços de flores, denota o bom gosto de quem o delineou.

Das Furnas fizemos tambem uma pequena digressão ao cume d'uma das montanhas, que se eleva obra de 700 metros sobre o nivel do mar. De lá descobrimos muitos picos, entre elles o *pico da Vara*, o mais alto de todos, que tem mais de 103 metros. Vimos desdobrar-se a nossos pés o encantador valle das Furnas, com as suas caldeiras e lago, assim como alguns outros valles com bellas aldeias, e d'ambos os lados da ilha a immensidade dos mares. Do lado do sul tambem se avista a ilha de Santa Maria, distante cerca de 40 milhas de S. Miguel.

Para regressar a Ponta-delgada passámos pela Ribeira-grande, seguindo pelo costa septentrional. Como estrada este caminho é preferivel ao da costa meridional, mas as vistas não são tão bellas nem tão variadas.

O carnaval passou em S. Miguel completamente desapercebido. Só nos tres ultimos dias ha alli, como no Brasil, o máo costume de se aspergirem uns aos outros com agua. Em logar da gente se divertir n'estes tres dias, é preciso fechar-se em casa, e nem mesmo se póde chegar a uma janella aberta, porque logo se corre o perigo de receber da janella do visinho e da rua jorros d'agua na cara. Vasam os ovos chupando-os, ou fazem laranjas e limões de cera, que enchem d'agna. Atiram tudo uns aos outros, ou das casas despejam potes cheios d'agua sobre quem passa. N'estes dias não se vê nem uma mulher pela rua, e os poucos homens que ousam sair, procuram prevenir-se abrindo guarda-chuvas.

Só em 21 de maio saí de S. Miguel. Os navios fruteiros tinham cessado, desde fins de março, de fazer viagem para Inglaterra: fui pois obrigada a ir a Londres por via de Lisboa.

No pequeno navio portuguez de 110 toneladas, chamado *Michaelense*, capitão Fonseca, achei, com extrema admiração minha, commodidade perfeita, que nem sempre se encontra n'um vapor. Os beliches eram altos e espaçosos; o alimento bem preparado e abundante; a roupa da mesa muito branca; o serviço promptissimo. Foi o primeiro navio portuguez em que embarquei. Se todos são assim, podem em consciencia recommendar-se a todos os viajantes.

A viagem de S. Miguel a Lisboa (720 milhas) durou oito dias: nada veiu interromper-lhe a monotonia, senão uma baléa morta, que passou perto de nós como um rochedo fluctuante. Em torno d'ella volteavam centenares d'aves de presa. Não descobrimos terra senão proximos ás costas de Portugal.

Em 29 de maio entrámos no Tejo, que na embocadura não se distingue do mar senão pela côr. A cidade de Lisboa está situada a duas legoas rio a cima, mas ainda se sobe quasi mais uma legoa para ancorar perto do centro da cidade. Gastámos sete a oito horas para andar estas tres legoas; mas não se podem considerar perda de tempo, porque as margens do Tejo são em verdade as mais admiraveis. O rio corre n'uma largura immensa: é cortado por ligeiros barcos que se balouçam docemente nas suas ondas, em quanto o vapor o fende rapidamente. As margens são ridentes cadeias de collinas, que não peccam senão pela falta d'arvores e folhagem.

Na embocadura do Tejo vê-se d'um lado a torre e castello de S. Julião, por de traz do qual se elevam a pouca distancia as bellas montanhas da *Serra de Cintra*: do outro lado, como a surgir do seio do mar, um pharol, cercado por uma bateria chamada *Torre do Bugio*. Depois de se passar á vista de povoações pittorescas, e de pequenos fortes, chega-se a Belem, onde o rio perde alguma cousa da sua largura, e banha uma soberba torre em estilo meio gothico, meio mourisco, vestigio brilhante dos tempos passados. Em quanto do lado do sul algumas povoações alternam tambem com castellos e fortes, em parte já arruinados, a cidade de Lisboa occupa do lado do norte, não só a zona entre o rio e as colinas, mas tambem as alturas, e mesmo o fundo das collinas. Em frente do centro da cidade, as margens do Tejo distanciam-se muito, e formam uma grande bahia, sobre a orla da qual se descobrem ao longe aldeias, grupos de arvores, e no fundo algumas montanhas isoladas. Mais tarde, levava horas inteiras sentada ás janellas do hotel em que me alojára, e que deitavam para o rio, a contemplar este panorama a um tempo risonho e grandioso, que me agradava infinitamente.

Um prazer, sem o qual bem se podia passar na chegada a Lisboa, é o das interminaveis inquietações que se passam com todos os empregados. Já em Belem tendes a visita do official da saude, depois vem-vos a da alfandega, a policia, o capitão do porto; em fim, é preciso mostrar o passaporte. É um nunca acabar! Chegavamos de possessão portugueza, e tratavam-

nos com tanto rigor, como se viessemos do reino da lua. Pelos passaportes é preciso pagar dinheiro louco. As leis das alfandegas são tão severas, que nem vos deixam levar logo o menor sacco de noite. É incrivel que isto se passe na Europa, tão orgulhosa da sua civilisação progressiva, ao passo que os governos procuram por todos os modos possiveis desgostar os viajantes.

Ainda que a minha demora em Lisboa fosse apenas de doze dias, não vi muita cousa, porque fui obrigada por incommodo de saude a não saír de casa a maior parte do tempo. Foi com muita pena que subi ruas curvas e tortuosas para alcançar vistas geraes da cidade, do rio, e dos arredores. A cidade estende-se ainda além da cadeia das collinas. As casas não tem estilo particular de construcção, nem as egrejas bellas torres ou altas cupulas. Ainda se encontram por aqui e por alli, sobre os montes e no meio da cidade, ruinas pittorescas de grandes palacios e egrejas meio destruidas em 1755, epocha de funesta memoria, na qual, como é sabido, um espantoso tremor de terra destruiu a maior parte da cidade, e ceifou a vida a milhares de pessoas.

Os passeios publicos distinguem-se por bellos taboleiros de flores: no passeio da cidade baixa ha grupos d'arvores de edade veneravel. Os portuguezes parecem em geral loucos por flores: já tinha dado por isso em S. Miguel. Em Lisboa vi por toda a parte grande quantidade d'estas amaveis nuncias da primavera, mesmo nas praças publicas, como por exemplo no claustro e no cáes da alfandega.

Foi-me impossivel fazer uma excursão á *Serra de Cintra*, celebre pelo luxo da sua vegetação e pela residencia da familia real no verão. Condemnada a estar muitos dias de cama, não saí do quarto senão no dia 9 de junho para embarcar para Southampton no vapor *Iberia*.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

III.

O AMOR.

IV.

Não ha nada que ponha mais á prova o talento de uma mulher, do que a declaração amorosa de um homem por quem se acha interessada. Se está certa do seu amor, prefere mil vezes o silencio.

A mulher frivola tem já como stereotypadas certas phrases que, sejam ou não opportunas, accommoda a toda a declaração. Se esta chega por escripto, a sua resposta é uma circular de que existem varios exemplares; pondo a data e acaso o nome, fica o assumpto terminado.

A indifferença é a phtysica do amor; a antipathia é a congestão do amor; a congestão póde ser vencida; a phtysica é incuravel. Da indifferença é difficilimo passar; da antipathia não é difficil uma evolução até á sympathia; e a sympathia é o parentesco do coração.

Correspondido explicita ou implicitamente por uma mulher de talento, o amor de um homem digno d'ella, é difficil que chegue a apagar-se da sua alma o doce sentimento que a domina.

A ausencia é o grande problema do amor; porém esse problema está já resolvido; e está resolvido, não em livros de sabios, nem em vagas especulações de philosophos; mas n'uma canção popular, que, pouco mais ou menos, resa em prosa, que «o «amor é a sombra que, quanto mais se affasta, mais «corpo toma; e a ausencia o ar que extingue o «pequeno fogo, e ateia o grande.»

Esses versos estão em completa contradicção com est'outros, que não ha muito lêmos n'um album:

Para encontrar un remedio
de amor en la cruda guerra,
no hay como poner por medio
mucho tiempo y mucha tierra.

O maior castigo que poderia dar-se ao auctor da quadra, fôra sem duvida entregar o seu nome á execração da bella metade do genero humano; porém o auctor dos *Apontamentos* honra-se muito chamando-o amigo intimo, e contenta-se em negar a proposição.

O tempo passa debalde para o amor; a terra é pequeno obstaculo para o seu immenso poder.

Que importam o espaço e a distancia para duas almas que estão fundidas n'uma, para dois corações que estão ligados pela mão de um anjo?

Os namorados ausentes tem a dupla vista do espirito e da phantasia. Vêem-se ao reflexo da lua, sympathico testimunho do seu amor.

Fallam-se no zephyro suave que acaricia a sua fronte, e brinca com os seus cabellos.

Enviam-se protestos de fidelidade no magestoso silencio da noite.

Quando dorme a natureza, velam os namorados.

Á lua e ás estrellas pede novas o amante; interroga a brisa que se agita, e o arroyo que murmura; no doce suspiro da brisa, e no grato murmurio do arroyo, ouve a voz da amada, o echo de ventura que anima o seu coração.

Os seus olhos não se apartam do caminho: o caminho é tão longo!...

Os seus labios articulam uma palavra, que a aura rouba e leva mansamente pelo espaço: *vem!*

A lua, que rasga então o tenue gaze de nuvem branca e rosa, envia o raio que fere a vista do amante melancolico; aquelle raio allumia uma lagrima de fogo; aquella lagrima é o baptismo de um amor puro e sublime.

Assim explicam a ausencia os poetas.

Benditos sejam os poetas, se é certo que sentem o que dizem!

Benditos mais uma vez, se é indubitavel que dizem o que sentem!

Vós, que tendes amores distantes, dizei se os poetas são uns ignorantes sublimes, ou uns adivinhos dos sentimentos mais intimos da alma.

Dizei com a mão no coração, qual d'estas duas sentenças é mais certa:

— «Amante que não é visto, é esquecido.»

— «Mais puro é o amor que vive só.»

A primeira é propria de um mercador de amor; a segunda brotou dos labios de um homem de coração.

Se em amar sem ser amado ha encanto profundo e melancolico, na recordação de amor correspondido ha caudal perenne de gozo e alegrias.

Os amantes que se fallam e vêem tem a felicidade do amor; os que vivem separados, tem duas felicidades: a do amor e a da esperança.

A esperança é uma arvore em flor que se fluctua docemente ao sopro das illusões.

A infidelidade é a tormenta que a murcha e desfolha; o esquecimento é o raio que a anniquila.

A ausencia e o esquecimento não são vozes quasi identicas, como se julga vulgarmente; entre os dois se ergue um muro de bronze; esse muro é o amor.

O amor verdadeiro depura-se e quilata na ausen-

cia como o ouro no crysol. Os ausentes que se amam são os verdadeiros filhos do amor.

Em longas ausencias periga muito mais a constancia do homem, do que a fé da mulher.

Esta opinião não é a geralmente admittida; porém é a comprovada: a imparcialidade primeiro que tudo.

V.

A veleidade da mulher é a base de quasi todas as novellas, comedias e romances, que escrevem os modernos reformadores da humanidade; edificam na areia. Se o homem tem na terra algum mestre d'amor, é a mulher. Os que a inculpam n'este sentido só parece que em cabeça alheia julgam de si mesmos.

A chamada «coquetaria» da mulher não é, como se diz, uma rede lançada pela sua vaidade á nossa; não é o desejo de inspirar carinho sem o sentir, nem a vingança da franqueza, nem o charlatanismo do amor, nem o prurido de adoradores unido ao desprêzo dos amantes; nem um sexto sentido mais delicado que os outros cinco; tudo isto são expressões mais ou menos felizes e engenhosas; porém egualmente inexactas. Todavia, não temos tido a precisa franqueza para definir a «coquetaria»: tenhamol-a uma vez.

A coquetaria nas mulheres é apenas o reflexo da constancia nos homens.

Ha mulheres que se assustam da palavra *amor*, e não abandonam a idéa; outras ha que não abandonam a palavra, e assustam-se da idéa; as primeiras estão mui proximo da hypocrisia: as segundas trilham o limite da coquetaria.

Uma coqueta que toma amante, é um soberano que abdica, disse mad. de Coigny.

Com licença d'esta senhora, uma coqueta que toma amante não é coqueta; provavelmente o que antes pareceu coquetaria era o movimento perpetuo em que se agita a alma que tem precisão de amar: porque o amor puro é a unica atmosphera em que podem respirar as almas sensiveis e privilegiadas. Uma coqueta vem a ser o objecto preferido das invectivas e sarcasmos de todos os escriptores mediocres e vulgares.

Coitados! Não advertem que lançam ao ceo punhados de areia!

Que direito temos para impor ás mulheres esse rigorismo que nunca lhes damos a imitar? Quando e como as educâmos, para que em boa lei possâmos pedir-lhes conta d'essas boas qualidades, que são em muita parte obra da educação?

Que deve a mulher á sociedade actual, a esta sociedade que a divinisa e a engana; que deve aos homens de hoje, a estes homens que a adulam, escarnecem e ultrajam, para que lhe exijam oppressor escrupulo nas fórmas, para que julguem a sua honra prêsa de um sorriso compromettido talvez n'um olhar?

Com que direito insinua o homem de inconstante e vã a mulher, sem acrescentar á crueldade o vilipendio?

Vós, as que com o rosto sereno e o coração trespassado sentis por felicidade o fogo de um carinho honesto e puro, dizei a esses miseraveis que não conhecem a mulher; dizei-lhes que fallam impensadamente; que não sabem o que é o amor; e não o sabem, porque o amor casto é um dom que envia o ceo ás almas que quer tornar felizes.

Perguntae-lhes se alguma vez bateu o seu coração; se buscaram phreneticamente no disco da lua, ou no giro de uma estrella, o olhar do ente por quem se alentam; se interrogaram a brisa dos campos, que chega até aos seus labios, e as aves que esvoaçam alegres pela sua janella; se viram, em fim, bater no espaço as azas de ouro de um anjo, que cobrem duas almas que são uma.

Se vos disserem com o sorriso alvar do scepticismo que nada d'isto sentiram, porque não são poetas, respondei-lhes com plena segurança, que não é amor o amor que não é poeta.

(Continúa).

BRITO ARANHA.



Kama.

O deus do amor no paiz sagrado de Bhrate (India) tem o nome de Kama, e é filho de Haciapa (o espaço) e de Maia (a illusão).

Kama é opposto a Tama (as trevas); Kama é pois o dia, uma manifestação do fogo que dá a vida; é o proprio calorico espalhando-se sobre toda a creação.

Ainda que criança, é casado. Sua mulher chama-se Rati.

Representa-se com um arco de canna de assucar, que lhe serve para despedir flores, em vez de flexas.

Anda montado n'um papagaio, e outras vezes n'um elephante.

Achou-se n'um pagode um quadro representando o elephante de Kama, formado de um grupo de sete mulheres com tal arte enlaçadas, que, á primeira vista, não se distingue senão o elephante.

Quanto á significação da palavra Kama, encontra-se exactamente nos dois nomes do amor da Grecia e Roma: Himeros e Cupido (desejo), ou antes a explicação d'estas encontram-se n'aquella.

A India é a mãe original de todas as sciencias.

Nem só pela extravagancia d'este cupidinho, o apresentâmos aqui; mas tambem para notarmos um facto curioso, qual é o de não haver idéa que não tenha o seu berço na India.

Quando levaram a Zenon, o ciliciano, a noticia da perdição do unico navio que lhe restava, exclamou: «Oh fortuna! quão grande é o serviço que me fazes condemnando-me a tomar a toga de philosopho!»

Explicação do enigma do numero antecedente.

A avareza é um dos peccados mortaes entre os christãos.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F